

Cantigas de amigo

R. CARVALHO CALERO

I Proposiçom

Amigo, sem necessidade
de refrám nem paralelismo,
darei a minha angústia e menos o meu gozo.
Como cando eu vestia o brial da brancura,
coberta hoje de púrpura ou despida,
elevo a minha voz como umha pomba ou lóia
no amanhecer ferido polo lume do amor
ou co chumbo na asa da arela estrelecida.
Amigo, já nom cavalgas
para a fronteira cando vem o maio,
nem eu teço já a trança dos meus dias de ausência
com báguas de amargura resignada,
dogal dos meus suspiros no teu colo
que os meus braços nom premem.
Voando vas ao longe, vés num voo,
beijas-me por teléfono,
acendes-me as entranhas cablegraficamente.
Eu monto a égua apocalíptica
da liberdade de ventas fumegantes,
e a minha boca é doce e azeda a um tempo,
madurada em fatal celme de pressa e fogo.
Amigo, talvez és
plural e intermitente,
fragmentário e efémero.
E eu som eterna e múltipla,
moribunda e incólume.

Fumando as horas de violento pulso,
batendo cos meus calcanhares as ilhargas da vida,
galopo contra ti ou fujo-te, cantando
sem leixa-prem nem dobre,
agora feliz morte, magoado nascimento
agora, alegre pranto, duro riso,
eu, voz em viva carne, dor e gozo, cantando
o teu amor, amigo.

II

Iseu das brancas mãos

Som Iseu a das brancas mans,
e as minhas mans som com certeza brancas.
Todo o meu corpo é branco,
de brancura de lua;
umha lua de mármore,
nom de marfim, um branco
de deslumbrante neve.
À excepçom dos jardins que me florecem,
dos matos que me agromam,
do rio de noite da minha cabeleira,
da frouma que tapiza
a aba do meu ventre,
que som negros,
como ondas de um rio de esquecimento,
como umha dália de trevas.
E os meus olhos, escuros, duas mulatas,
duas rainhas de Saba,
Popeias orientais
que se banham em leite
e se dormem sob carnosos doséis,
sob pesados flabelos
de sanefas pintadas polo ensonho.

As minhas mans som miúdas açucenas,
som mans delgadas e agudas,
mans de nena para os teus beijos,
pombas de prata para a tua ternura.
Som Iseu das mans brancas,
mans de boneca, de criança.

Tomas-me polos ombros,
abraças-me com benévolo agarimo,
pós brandamente os teus lábios
sobre o fruto vermelho,
sobre a milgranada explosiva da minha boca,
e nom sentes o lume que me queima,
nom percebes a alma acesa
que me brota das entranhas,
porque o teu coração está cheio
de Iseu a loira.

E Iseu a loira nom é loira.
Os seus olhos som mais escuros,
mais abisais, mais nocturnos que os meus,
lotos de enluidado veludo,
a pairar sobre lagos ardentes;
o seu cabelo é da cor da avelá;
a sua pel é de bronze,
e o seu riso resoa
como ajôujeres de umha égua,
de umha poldra que galopa
atrelada ao carro de guerra
de umha rainha de amazonas.
Iseu a loira nom é loira,
mas é meiga,
e os seus olhos som bártros
aos quais malignamente te atraí
co insolente voo
do seu andar de onça subreptícia.
Nom é doce, coma mim;
as suas mans som morenas e curtas,
cruelmente felinas, como garras;
o seu amor é inseguro e doroso,
cheio de vagas que batem,
de fugidas e encontros
que destroçam a vida.

Mas é meiga,
e que podem fazer
as minhas brancas mans
descontra as suas meiguices?
Estás seguro de que bebeu o filtro
que che tirou o domínio de ti mesmo,
que te acadarmou a essa princesa
da paixom, a essa tralha que te fostrega,

a essa cadeia que te arrasta?
Crê-la pensando em ti,
esposa nominal do teu tio,
sempre fiel à tua lembrança,
tangendo a harpa
que lhe regalaste outrora,
cando a sua voz de sereia
se acordava coa tua
de furioso amator?

Estás seguro
de que bebeu o filtro contigo?
Estás seguro
de que o filtro tinha virtude para ela?
É a rainha de Tintagil,
é a celebrada polos lais de Tristám.
Nom ama Tristám, nem Marco.
Sonhaste ao crer que dormiste com ela
sobre fentos e feno.
Ela nunca foi tua.
Ela é só de si mesma.
O seu riso triunfal
enlouquece os guerreiros.
Nunca foi tua.
Nom o é. Nom o será.

Som Iseu a das mans brancas,
que poderiam agarimar-te
e curar-che as tuas chagas.
Mas ti amas as tuas chagas, e sonhas
com que Iseu a loira venha polo mar
para verter nelas o bálsamo arelado.

Mas has morrer na praia só, sem ela.
Eu estarei ao teu carom,
Iseu das brancas mans.
Mas ti nom me verás,
a sonhar com Iseu a loira,
que endejamais ha vir,
que em Tintagil se senta
num sólio de falsia.

III

Despedida de Maria Mancini

Senhor, vós sodes rei, vós chorades e eu parto.
Que é ser rei? Que é chorar? Que é partir? E que é ser?
Sumptuosa maneira de sofrer, impotência
doída. Esgaçamento.
Absurdo certo. Bucles e coroa.
Enfeitamos a nossa miséria com brocados.
Altos tacons nom erguem ninguém ao Paraíso.
Eva e Adám gozárom-se nus. Como
tanto descemos, disfarçados de anjos,
de arcanjos, principados, potestades, virtudes,
de dominaçons, tronos, serafins, querubins?
Ó meu senhor, adeus; vós chorades e eu parto.
Que é reinar, se reinar é perder o que um ama?
O Rei, o Condestável, um Bourbon, um Colonna.
Figuras somos de umha comédia italiana,
Colombina e Pierrot de madeira talhados,
monicreques regidos por fios invisíveis
que maneja umha mam de impassível governo
além de vós, de mim, do Cardeal, do Príncipe.
Mam do único rei que nom chora e que reina.

IV

Seduzida

Empurrou-me contra a parede.
Senhores, bem podem comprender
que nom devo dar-lhes detalhes
da sua conduta e da minha reacçom.
Por favor, nom quero contar-lhes
umha história licenciosa,
nem mereço ser menosprezada
porque a embriaguez me dominasse.
A felicidade daquel intre
nom lhe-la podó descrever.
Nunca sentira o que sentim entom,
nem ia senti-lo depois.

Muitos anos já trascorrêrom,
muitos anos hai que nom vejo
aquele que foi uno comigo
aquela noite clara como o dia.
Nunca mais sentim a embriaguez e o enlevo
que me perpassou aquela noite.
Senhores, tenham caridade ao julgar-me
no meu prazer e a minha dor.

V

A bela malmaridada

Jazo com António. Ouço o seu bronco respirar
cando dorme ao meu carom sem sonhos, mentres eu sonho desperta.
Dei-lhe solaz, dei-lhe filhos. El deu-me jóias, peles,
sedas, cidades, festas, casas, carros, guitarras e violinos.
Jazo com António. Sonho com Miguel.
A Miguel nom lhe dei sequer um bico.
El só me deu olhadas pensativas, reverências pausadas.
Mal me falou, como nom seja
cos olhos enluitados, negro lume, obscuro silêncio.
Cadeias de ouro, carne e lei unem-me a António.
Sombra de arelas, fume de suspiros unem-me a Miguel.
Estou deitada a carom de António, que dorme.
E, desperta, sonho com Miguel, que nom me beijou nunca.

VI

Pernas formosas

Som Agregada de Instituto.
Professora Agregada de Instituto de Bacharelato.
Nom que ganhasse umhas oposiçons livres.
Foram umhas oposiçons restringidas
com que o Governo queria libertar-se
das nossas sentadas e os nossos encerros,
os nossos comunicados e as nossas folgas,
depois de contratar-nos por um ano
prorrogados por outro e outros dez.

A mim propuxo-me Daniel, Director do Centro,
que era catedrático de grego,
a quem atraíam as minhas bonitas pernas,
que eu gostava de lhe mostrar canto podia,
adoptando as posturas convenientes,
sempre dentro dos limites da decência;
e cando véu a época da minisaia,
nom pudo resistir mais
e casou comigo.
Dei-lhe vários filhos, e passárom vários anos,
e várias modas a respeito da longitude da saia,
e, com grande satisfacçom para mim,
a época da minisaia voltou,
e eu volvim a luzir as minhas bonitas pernas.
Mas agora, cando me ajusto a minisaia
—o meu dourado outono bem vale a primavera—,
nom penso em agradar a Daniel,
que continua sendo Director
e catedrático de grego
e marido meu,
mas a Francisco, que é catedrático de latim,
e nom é Director, nem marido meu.
Com certeza, sem faltar ao decoro.

VII Ruth

Sempre me olha, ao passar.
Cantos anos terá? Muitos, se cadra.
Mas pisa firme, e ergue o colo círculo;
sem rigidez. O seu olhar
nom é lúbrico, nem ansioso.
Nom me sorri, nom me di nada.
Mas olha-me com apazível jeito
de simpatia, de agrado,
sem desvergonha, sem ostentaçom;
mas francamente, com
resoluta modéstia. Gosto dele.
Pode ser meu avô —elas diriam—, bem certo.
Mas nom me assanharia
se me falasse, se me convidasse
a umha consumaçom numha cafetaria.

E que mais? Tentaria
levar-me à sua casa
—se vive só, se é solteiro, ou viúvo,
ou separado, ou divorciado—
e beijar-me nas mans, nos braços,
no colo, nas faceiras, nas pálpebras?
E se o fixesse, eu deixaria fazer?
De nada estou segura,
ainda que elas ririam se o soubessem.
Mas todo som ensonhaçons. Eu passo,
nom ousou lhe sorrir.
E el olha, nada di, passa e alonga-se.

VIII

Pranto

Ajustarei-me os óculos
para ler a tua esquela;
eu, já umha velha mulher, sexagenária,
que tratam com benévola
e indolente atençom
os moços —eles e elas—
que trabalham comigo
e ignoram que houvo um tempo
em que ti me quixeste,
e se surprenderiam se soubessem
que fum bela aos teus olhos.

Ajustarei-me os óculos aos olhos
que ti louvaste tanto
—présbites desde hai anos—,
para ler a tua esquela.
Pensarei —e sentirei no coração
umha pequena pontada—:
«Nas suas derradeiras horas o meu rosto
—nom o de hoje, o dos meus vinte anos—
nom surgiu na sua lembrança.
Eu já estava riscada da sua vida.
Outra mam estreitou, e se evocou
umha mulher sonhada e proibida,
nom tinha o rosto que el amou em mim».

Borrárom-se os caminhos entre os dous.
Ouço falar em ti de cando em cando.
Ninguém ao meu redor
suspeita que tremeste tantas vezes
a escuitar o meu riso, e que o teu sangue
batia cruelmente no teu pulso
se eu, súbita, surgia ante os teus olhos.
Afastamos-nos. Ti tiveste umha vida
colmada, e atingiste
umha longa velhice.
Eu vivim solitária e silenciosa.
Envelhecim sem mais amor de home.
Lembrava-te por isso.

Ajustarei os óculos
—umha pobre mulher murcha e estéril—
para ler a tua esquelada,
e arrepender-me hei
de nom ter provocado
cando ardias por mim
a explosom do teu lume
para que os dous ardêssemos
fora da lei, sem outra lei que o lume.
Agora verteria
doces e amargas lágrimas por ti,
evocando os abraços
da amante que nom fum,
e a brancura ofertada
que nunca te ofertei.
Miserável mulher
que nom abriu a porta
à crepitante arela sem mesura
que te abrasou um dia.

Ajustarei os óculos
para ler a tua esquelada,
e mal crerei que som
a que tanto quixeste
e nom soubo entregar-che
cando a arelavas, louco,
todo o que era, mesquinha.